

A TV Globo e os fluxos de comunicação*

Sergio Denicoli dos Santos

2005

Índice

1 Introdução	1
2 O mundo imperializado	2
3 A TV Globo e as telenovelas: o contra-fluxo	6
4 Jornalismo da TV Globo	9
5 A rede Globo hoje	12
6 Conclusão	14
7 Bibliografia	15

1 Introdução

Este estudo foi desenvolvido no âmbito da disciplina *Políticas da Comunicação*, do mestrado em Informação e Jornalismo, da Universidade do Minho, em Braga, Portugal.

O objetivo é perceber, a partir de meados década de 60, o que levou a TV Globo a desenvolver um fluxo de comunicação inverso aos padrões da época. Naquele período já eram embrionárias as análises que asseguravam que o hemisfério norte era o grande emissor de informação consumida pelo hemisfério sul. Isso viria a ser confirmado depois por estudos da UNESCO, que publicou, em 1980, um relatório que analisava as assimetrias de fluxo e pregava a necessidade de

*Trabalho referente à disciplina *Políticas da Comunicação* do Mestrado em Informação e Jornalismo, Universidade do Minho.

promover um equilíbrio da produção e circulação de informação entre as nações.

Num movimento nitidamente contrário à tendência criticada pela UNESCO, a Rede Globo, por meio da televisão, trabalhava um *know-how* adquirido do grupo norte-americano *Time-Life*, e criava um padrão de qualidade comercial e de produção, conseguindo abrir dessa forma as portas do mercado internacional para programas feitos no Brasil, tendo como principal oferta as telenovelas.

Ao mesmo tempo a emissora apostava no jornalismo com a expansão da cobertura internacional própria, não exclusivamente dependente das agências de notícias dos países do norte.

Criou-se assim uma grade de programação que intercalava como âncoras os programas feitos pela própria empresa, baseados na teledramaturgia e nos noticiários, garantindo altos índices de audiência.

A TV Globo completou, em 2005, 40 anos de existência. Nessa trajetória ela acumulou críticas sobre o comportamento político do grupo na qual está inserida, sobre a visão social impregnada em sua programação, mas ao mesmo tempo comprovou ser uma grande divulgadora do Brasil, tendo exibido sua programação em todos os continentes.

Não cabe aqui analisar se o que a Globo

mostrou ou mostra em suas produções corresponde ou não fielmente à organização da sociedade e culturas brasileiras. Nas páginas a seguir procura-se avaliar os motivos que resultaram na consolidação da TV Globo, os meios utilizados para isso e os caminhos trilhados pela emissora na complexa rede internacional de fluxos de comunicação.

2 O mundo imperializado

A principal base deste estudo deriva do conceito de cultura. Como o termo possui diversas interpretações, torna-se necessária uma breve análise de estudos que serviram e servem como base às interpretações sobre o fenômeno. Toma-se aqui como referência as conclusões de Isabel Ferin (FERIN, 2002).

Da antiguidade clássica à idade Média, chegando também ao Iluminismo, o conceito de cultura foi definido como o cultivo de características espirituais, da língua, da arte, das letras e das ciências, muito voltados para um desenvolvimento das sociedades e dos indivíduos, e isso caracterizaria as respectivas civilizações.

A antropologia define o conceito de cultura como uma forma de classificar os objetos e símbolos das sociedades. Tais estudos surgiram no final do século XIX e foram influenciados por estudiosos evolucionistas, como Darwin.

No estruturalismo, a cultura é vista como uma estrutura que influencia a ordem social, que seriam manifestações superficiais incapazes de mudar a base profunda que dita as regras das manifestações de âmbito cultural.

Na sociologia há duas importantes vertentes básicas. Uma delas, onde se destaca Émile Durkheim, defende que as estruturas dominam o agir individual e seriam elas re-

presentações coletivas como as leis, o sistema educacional, a religião, a arte e a literatura. Outra, com ênfase em estudos de Max Weber, considera a sociedade e, consequentemente a cultura, como resultado das ações dos indivíduos.

Os marxistas avaliam que a cultura é determinada por forças e relações de produção. Para os seguidores dessa linha, a cultura seria contaminada por uma estrutura capitalista, onde uma elite detentora de capital determinaria a produção cultural.

Tal conceito foi amplamente estudado na Escola de Frankfurt. E foram justamente dois teóricos dessa escola que criaram uma tese que dominaria os estudos sobre cultura mais analisados durante o período em que se desenvolvem as primeiras teorias de fluxos de comunicação, imperialismo cultural etc. Adorno e Horkheimer, no final da década de 40 criaram o conceito de indústria cultural. MATTELART (2002:66), escreve, sobre o trabalho dos autores:

“Analisam a produção industrial de bens culturais enquanto movimento global de produção de cultura como mercadoria. Os produtos culturais, os filmes, os programas radiofônicos e as revistas revelam a mesma racionalidade técnica, o mesmo esquema de organização e planificação da gestão, que os do fabrico de automóveis em série ou dos projectos do urbanismo”.

É a cultura padronizada, feita em série, transformada em mercadoria. É a crítica da associação da cultura à evolução tecnológica. Dessa crítica surgem estudos que ressaltam positivamente o que seria o acesso das massas à cultura, numa corrente dos

chamados *Integrados*. Surge também a corrente dos textitApocalípticos, que vêem nessa mercantilização uma ameaça à cultura e à democracia. (FERIN, 2002)

O fato era que a visão de cultura havia sido influenciada pelo movimento tecnológico que surge a partir da industrialização da Europa ocidental capitalista. Segundo BRETON & PROULX (1997) isso acontece quando a ideia de sociedade de massas se expande junto com o crescimento da urbanização, a expansão dos meios de transporte, de comunicações e o aparecimento dos movimentos da classe trabalhadora, mais notadamente a partir do século XIX. Era uma ordem ligada à uma burguesia industrial capitalista.

Discursos sobre dominadores e dominados, esquerda e direita, comunismo e capitalismo, englobam os *media* e situam as comunicações num contexto político e ideológico marcado, sobretudo, pela Guerra Fria. É uma época onde circulam publicações apaixonadas que funcionam como propaganda política considerada subversiva por uns e libertadora por outros, de acordo com a ideologia dominante, mas que discutiam as diferenças entre as classes e as sociedades. Termos como “dependência do terceiro mundo”, “nações subdesenvolvidas”, “face imperialista do desenvolvimento do capitalismo”¹ ajudaram a acirrar os debates. Além disso, a tecnologia que permite a internacio-

¹ HARNECKER & URIBE [S. 1.: s.n., s.d.]. O livro de 63 páginas e em formato de bolso circulou em Portugal traduzido e adaptado por uma equipe de trabalho (segundo consta na obra) que não se identificou, utilizando apenas o pseudónimo “Maria José”, o que retrata bem como circulavam as obras que naquela época eram consideradas subversivas.

nalização dos sistemas de comunicações e conduz as análises para uma nova esfera.

De acordo com MATTELART (1991), uma das primeiras iniciativas para a discussão da soberania dos países diante do surgimento do satélite - que tornava possível uma transmissão mundial sem a necessidade de uma rede de retransmissão terrestre - partiu da União Soviética, em 1972, durante a 27^a assembleia geral da ONU. Os Estados Unidos sempre se opuseram à ideia de se promover esse controle, numa explícita e então comum adversidade entre o mundo do leste, socialista, e o mundo do oeste, capitalista. Enquanto o oeste queria avançar em sua propaganda, pregando o livre fluxo de informações, o leste queria evitar que ela chegasse às suas áreas de influência.

Intensificam-se os estudos sobre os fluxos comerciais dos produtos culturais entre as nações e sobre o imperialismo. Herbert Schiller cria o conceito de “imperialismo cultural”:

“O conjunto de processos pelos quais uma sociedade é introduzida no seio do sistema moderno mundial e a maneira como a sua camada dirigente é levada, pelo fascínio, a pressão, a força ou a corrupção, a modelar as instituições sociais para que correspondam aos valores e às estruturas do centro dominante do sistema ou a tornar-se no seu produtor”. (SCHILLER, 1976 apud MATTELART & MATTELART, 2002)

GALTUNG (1977) escreve que o mundo é formado por nações de *Centro* e de *Periferia*. O autor diz que essa relação acontece quando nações Centro emitem influências para as nações Periferia, resultando em be-

nefício para ambas. Nessa relação a Periferia oferece, por exemplo, matérias-primas, e o Centro os bens de consumo. Isso torna-se um ciclo, no qual diversos tipos de imperialismo criam condições para que possam se instalar como consequência uns dos outros. Ele lista cinco tipos de imperialismo: econômico, político, militar, das comunicações e cultural. O imperialismo das comunicações leva, põe exemplo, ao imperialismo cultural, pois o Centro controla o fluxo de informações.

Para o autor, as condições de imperialismo surgiram a partir do momento em que as nações Centro ocuparam fisicamente a Periferia. Com o fim do colonialismo, a interação ocorreu por meio de organizações internacionais, o que seria classificado como um neocolonialismo, e, segundo ele, era o que ocorria na década de 70. Seriam relações sem uma presença física das nações do Centro na Periferia, mas estabelecidas em âmbito de organizações que estariam condicionadas por relações de igualdade, definidas por raça, etnia ou nacionalidade, mas que, no entanto, funcionava na prática como um instrumento de desarmonia entre os países por serem eles desequilibrados em termos de força econômica.

Nos anos 70 as agências internacionais de notícias estavam nas mãos dos países Centro, o que, para Galtung, levou à formação de jornalistas observadores de notícias sob o ponto de vista do Centro, mesmo que fossem elas da Periferia. Isso causou ainda outro impacto: a Periferia consumia mais notícias sobre o que, aos olhos dela, era a parte mais importante do mundo, ou seja, o centro de imperialização de determinada nação era mais lido, visto e comentado pela nação

imperializada. Galtung afirma que o passo seguinte então é o imperialismo cultural.

Para TOMLINSON (1991) o imperialismo cultural é o domínio de uma cultura que se impõe sobre outra. Ele cita estudos da Unesco que estimam que “*more than two thirds of printed materials are produced in English, Russian, Spanish, German and French*”. Isso apesar de, segundo o autor, existirem no mundo cerca de 500 linguagens escritas e 3 mil 500 verbais, o que configuraria um exemplo da força do imperialismo cultural.

Uma outra obra de destaque é do brasileiro Paulo Freire. Ele aborda a questão da invasão cultural como sendo a forma dos invasores imporem suas visões de mundo, impedindo o desenvolvimento da criatividade e a expansão dos invadidos.

“Uma condição básica ao êxito da invasão cultural é o convencimento por parte dos invadidos de sua inferioridade intrínseca. Como não há nada que não tenha seu contrário, na medida em que os invasores vão reconhecendo-se *inferiores*, necessariamente irão reconhecendo a *superioridade* dos invasores. Os valores destes passam a ser a pauta dos invadidos. Quanto mais se acentua a invasão, alienando o ser da cultura e o ser dos invadidos, mais estes quererão parecer com aqueles: andar como aqueles, vestir à sua maneira, falar a seu modo”. (FREIRE, 1975)

Argentina, Chile e Venezuela também se voltam para análises sobre os *media*, observando, principalmente, a influência dos Estados Unidos nos meios de comunicação. A América Latina desponta como grande gera-

dora desses estudos porque, de acordo com MATTELART (1991)

“Enquanto a Europa Ocidental se encontrava ainda, na sua totalidade, sob o regime do serviço e do monopólio públicos, os países latino-americanos, numa esmagadora maioria, viviam já, desde há anos, sob o signo da pressão publicitária, das lógicas de concorrência, e da internacionalização de sua programação, considerando-se, no entanto, *subinformados*”.

É quando a produção intelectual do chamado terceiro mundo se torna intensa que os debates sobre os fluxos de comunicação ganham ainda mais peso nos organismos internacionais.

Para MATTELART (1991), tais debates foram influenciados por pressões dos chamados países não alinhados, que se reúnem em 1973, em Argel, e propõem uma “nova ordem económica mundial”, visando equilibrar as disparidades entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento. A proposta é homologada pela Assembleia Geral da ONU, em 1974. A ONU estabelece então um calendário de ações visando industrializar os países em desenvolvimento. A tentativa de se implementar essa nova ordem económica engloba também as comunicações. Em 1977 a UNESCO cria a Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação e, em 1978, incorpora em seus programas a ideia de “uma nova ordem internacional da comunicação” (NOMIC). O principal alvo são as agências de notícias mundiais, que detinham 80% da transmissão de informações no planeta. Essas agências eram, fundamentalmente, as europeias *France Presse (AFP)* e a britânica

Reuters, e as norte-americanas *Press (AP)* e a *United Press International (UPI)*.

A UNESCO torna-se o “local principal de uma confrontação na qual se casavam duas bipolaridades: o Norte contra o Sul, o Leste contra o Oeste, a segunda sobre-determinando a primeira. O Leste conseguiu, habilmente, fundir a sua posição e a sua doutrina sobre a responsabilidade e a intervenção do Estado na defesa da soberania nacional com aquela dos países do terceiro mundo lutando pela sua auto-determinação cultural”. (MATTELART, 1991)

Configurou-se um debate mais fortemente ligado às questões entre norte e sul, que culminou com um relatório publicado em 1980 pela Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação, da UNESCO, presidida então pelo fundador da Anistia Internacional e ganhador do Prêmio Nobel da Paz, o irlandês Sean McBride. O Relatório Mc Bride falava dos desequilíbrios de fluxos de comunicação entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento:

“L’application du principe de la libre circulation a eu comme résultat pour des raisons expliquées plus haut, une circulation déséquilibrée, appelée circulation à sens unique: un courant de nouvelles, données, messages, programmes, produits culturels, qui va presque exclusivement des grands pays vers les petits, de ceux qui détiennent le pouvoir et les moyens techniques vers ceux qui en sont privés, des pays développés aux pays en développement”. (McBRIDE, 1980)

O Relatório propunha alternativas para um equilíbrio da circulação dos fluxos de comunicação, mas foi criticado tanto pela direita quanto pela esquerda. “Devido nomeadamente às suas declarações polémicas bem como ao carácter demasiado geral de muitas das suas análises” (BRETON & PROULX, 1997). No entanto o estudo foi um marco para os países mais pobres. Essas nações diziam que as grandes agências modificavam os conceitos culturais de seus países.

Os Estados Unidos reagiram mal às críticas da UNESCO e, em 1984, deixaram de fazer parte da Organização.²

Aliás, a essa altura, a influência norte-americana nos *media* já operava em carácter mundial, não só englobando os países em desenvolvimento. Segundo BRETON & PROULX (1997), “os países com infra-estruturas culturais mais pobres” não eram os únicos a importar maciçamente os produtos americanos. Na Europa ocidental a influência “aculturante” das empresas de comunicação estrangeiras era um movimento intenso. Portanto, vê-se que a expansão imperialista não atingiu somente os países economicamente mais fracos, mas infiltrou-se também nas nações europeias, berço da civilização ocidental.

SCHILLER (1983), analisando aquela época, diz que “la transformación a escala mundial está siendo activada por un conjunto complejo de presiones, iniciativas y exigências surgidas de avances técnicos nacionales localizados en unas pocas zonas clave de la industria occidental de las cuales es Norteamérica”.

O domínio mediático dos Estados Uni-

² SOUSA, Helena – *Comunicação pessoal*. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2005.

dos estava formado para além das fronteiras norte-sul, reclamadas pela UNESCO.

“Em 1994, segundo o IDATE (Instituto de Investigação do Audiovisual e das Telecomunicações), os Estados Unidos exportaram, para cima de 4 mil milhões de dólares em filmes e “produtos” televisivos, para a Europa e em troca apenas importaram um valor de aproximadamente 350 milhões de dólares. Aliás, é necessário que se saiba que 90 por cento das obras europeias não ultrapassam as fronteiras de origem”. (JEANNENEY, 2003)

Na América Latina, esse fluxo estaria sendo quebrado pela Rede Globo, um grupo Brasileiro que utilizou a lógica norte-americana e conseguiu expandir sua influência para além das fronteiras do Brasil.

3 A TV Globo e as telenovelas: o contra-fluxo

A Rede Globo de Televisão entrou no ar em 26 de Abril de 1965, 15 anos após o surgimento da televisão no Brasil. Naquela época o país passava por um período de mudança política. Um recente golpe militar, ocorrido em 1964, e apoiado pelos Estados Unidos, inaugurava uma nova era da história brasileira que se refletiria também nas comunicações.

O golpe militar foi a saída encontrada pelos grupos internacionais para frearem o nacionalismo que crescia no Brasil.

“A vitória de muitos candidatos populares, inclusive com a conquista de executivos estaduais, exigiria do imperialismo uma decisão drástica: liquidar o regime

brasileiro por um golpe militar, estabelecendo o único regime em que desaparecem as resistências legais aos seus interesses e em que se torna expressamente difícil esclarecer e mobilizar o povo”. (SODRÉ, 1999)

De acordo com o autor, logo após o golpe, os meios de comunicação que faziam oposição ou feriam os interesses do regime foram fechados e, além de utilizar a força das agências de notícias internacionais, a imprensa estrangeira se instalou no Brasil colocando em circulação revistas e jornais financiados com dinheiro norte-americano, por meio de “testas-de-ferro”, já que a Constituição do país só permitia a grupos brasileiros a possibilidade de possuir um meio de comunicação.

A concessão da Globo havia sido outorgada em 1957 pelo governo federal e em 1962, quando o golpe militar já se configurava nos bastidores políticos, os detentores da comissão assinam, em Nova Iorque, contratos com o grupo norte-americano *Time-Life*. (MELO, 1988)³

“A implementação e a rápida expansão da rede *Globo*, no Brasil, foram viabilizadas pela transferência de capital e *know-how* do grupo Americano *Time-Life* para aquela empresa. Nos anos 60, foram assinados dois contratos entre a *Time-Life* e a *Globo* que se transformaram em instrumentos fundamentais para a empresa brasileira, porque lhe garantiram financiamento e acesso a informação

³ A obra foi escrita pelo autor por encomenda da UNESCO, e contém mais detalhes sobre a formação da Globo que não eram objeto de estudo neste artigo, mas que podem servir de aprofundamento para quem tiver interesse no tema.

privilegiada sobre métodos de gestão no sector televisivo”. (SOUSA, 1999)

O contrato *Globo-Time Life* torna-se um escândalo político quando o senador João Calmon organiza a realização de um Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar as ligações ilegais entre a empresa e o grupo norte-americano. A CPI concluiu que a transação era ilegal, conforme conclui MELO (1988). Para ele,

“O governo federal (gestão do Marechal Castelo Branco) fez inicialmente vistas grossas para o negócio em vigor, não tomando nenhuma medida coercitiva, o que viria a ocorrer somente no governo seguinte (gestão do Marechal Costa e Silva), que pressionou a empresa a desfazer o contrato com a *Time-Life*. Na verdade, o contrato entre a TV Globo e a *Time-Life Incorporated* vigorou entre 1962 e 1969, tendo a empresa brasileira terminado de saldar sua dívida com a organização norte-americana somente em 1975, completando assim o processo de nacionalização, sob a pressão e a égide do governo militar”.

Melo refere-se que o fim do contrato com o grupo estrangeiro deu-se não pela pressão do governo militar, mas pelo próprio desinteresse da *Time-Life*.

O rompimento com a *Time-Life* ocorreu porque o grupo multinacional precisou rever a sua estratégia na América Latina. “Os americanos saíram do negócio com prejuízo, da mesma forma que também saíram das operações que haviam tentado implementar na Venezuela, no Peru e na Argentina” (REBOUÇAS, 2005). Ou seja, o governo militar

não interveio diretamente no acordo, o que pode levar a uma interpretação das pressões do Marechal Costa e Silva como um protocolo governamental e não como uma pressão real que tinha o intuito de realmente romper o contrato.

Para MELO (1988), quando o acordo chega ao fim todo o *know-how* norte-americano estava presente na estrutura da Globo, desde a planta do edifício-sede da emissora ao padrão de produção. Até mesmo pesquisas eram realizadas – uma coisa pouco usual na época para avaliar programas de televisão. Com o conhecimento adquirido a emissora investe cada vez mais em produções próprias de teledramaturgia e jornalismo e intercala essas produções com programas estrangeiros, numa grade de programação que se mantém até hoje.

A força da emissora foi somada à força das demais companhias do grupo Globo, que em 1988 já tinha cerca de 100 empresas, entre elas “fábricas de bicicleta, firmas de micro-eletrônica, indústria de móveis, fazendas de gado na Amazônia, além das conhecidas produtoras de discos, revistas, jornais, rádio e televisão.” (MELO, 1988)

Com capital acumulado a empresa volta-se também para o mercado externo, comercializando sobretudo telenovelas, mas também séries e musicais, divulgando a cultura e as tradições brasileiras.

Não havia fronteiras políticas para as telenovelas da Globo, e a emissora movimentava-se num sentido contrário aos fluxos de comunicação discutidos pela UNESCO. Melo escreve que as produções da Globo ultrapassaram a Cortina de Ferro, obtendo audiência na Hungria e na Polónia. Chegaram à China Popular, África, Oriente Médio, Cuba, União Soviética, Austrália

e Nova Zelândia. Faziam imenso sucesso na Europa, sobretudo em Portugal. No final dos anos 80, as produções da Globo já eram exibidas em 128 países de todos os continentes. E a lógica que a emissora utilizava para entrar nos mercados internacionais era a mesma usada pelas empresas cinematográficas dos Estados Unidos, determinando preços de acordo com os potenciais mercados, mas em valores inviáveis para a concorrência. (MELO, 1988)

BORELLI (2005) lembra que na verdade o mercado de telenovelas brasileiras foi inaugurado pela hoje extinta TV Tupi, do grupo Diários Associados, criado por Assis Chateaubriant, que foi o empresário que implantou a televisão no Brasil. A Tupi produziu e exibiu a primeira telenovela brasileira, em 1951, escrita por Walter Foster e intitulada *Sua Vida Me Pertence*. Anos mais tarde, em 1969, a Tupi exportaria pela primeira vez uma telenovela, levando a obra *Beto Rockfeller*, para o mercado externo. A Globo entrou nesse mercado mundial em 1970, exportando os direitos de emissão de *Véu de Noiva*. Em 1976 a Rede criou um setor para a comercialização internacional de seus produtos, entrando inicialmente na América Latina, tendo a obra *O Bem Amado* sido exibida em 17 países. Depois a RTP, emissora pública de Portugal, comprou os direitos de exibição de *Gabriela* e a novela fez um enorme sucesso no país.

A partir dessas duas produções de grande audiência fora do Brasil a Globo ampliaria cada vez mais seu alcance, participando sempre de feiras internacionais de televisão e ganhando credibilidade quanto à qualidade de suas produções, segundo narra BRITTOS (2005). Era o resultado de um produto televisivo que já tinha absoluto sucesso no Bra-

sil, conhecido pela população antes mesmo do advento da televisão.

BORELLI (2005) conclui:

“Tradicional na história das mídias, a origem das telenovelas pode ser atribuída aos folhetins publicados pela imprensa do século XIX, às radionovelas que ganharam força em toda a história do rádio no Brasil e na América Latina e, também, às *soap operas* norte-americanas, que até hoje compõem as grades de TVs e o imaginário dos receptores”.

Sílvia Borelli destaca também que as telenovelas da Globo, mesmo tendo sido originadas de um gênero universal, possuem características próprias que difundem a cultura brasileira e que mudaram com o passar dos anos. A pesquisadora destaca que nos anos 50 e 60 as telenovelas no Brasil estavam mais próximas do gênero original, com tendência para o dramalhão e com pouca diferenciação em relação às produções de outros países latinos. Ela diz que era um campo ainda amador, de pessoas que ainda não conheciam muito bem o novo veículo em que estavam a trabalhar e que tinham raízes profissionais em rádio e cinema. Já no final dos anos 60 e nos anos 70 a telenovela brasileira se profissionaliza, muito também devido à tecnologia, com o advento de cores, do vídeo tape e da possibilidade de uma programação em rede nacional. Isso influencia o conteúdo das tramas que se voltam para as realidades brasileiras, passando a divulgar as ideologias do país e suas culturas.

Mas a Globo avançava não só no campo da ficção. A realidade retratada no telejornalismo também adquiria marcas próprias.

4 Jornalismo da TV Globo

Desde o século XIX e com mais intensidade no século XX as agências de notícias internacionais da Europa e dos Estados Unidos dominam o cenário do fluxo de notícias. Mas um fator tecnológico muito importante na história das comunicações seria utilizado amplamente pela Rede Globo para, como ocorreu com as telenovelas, se posicionar num fluxo inverso de comunicações mundiais, só que dessa vez em relação ao noticiário internacional: o satélite.

O telejornalismo existe na Globo desde a sua inauguração, em 1965. Em 1969, quando a emissora coloca no ar o *Jornal Nacional*⁴, já havia sido transmitido ao vivo pelo canal a enchente do Rio de Janeiro em 1966⁵, o lançamento da *Apolo 9* e a chegada do homem à Lua.

⁴ O *Jornal Nacional* é o principal telejornal da TV Globo. É exibido de segunda a sábado, das 20h15 as 21h00. Situa-se, na programação, entre duas telenovelas e é campeão de audiência. Mas a Globo exhibe hoje também os telejornais: *Globo Rural*, *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Globo Esporte*, *Jornal da Globo*, *Fantástico*, *Globo Repórter*, *Auto Esporte* e *Esporte Espetacular*, além de quatro edições regionais diárias nos estados, sendo uma delas esportiva. O jornalismo da TV Globo esporadicamente está presente também nos programas *Domingão do Faustão* e *Mais Você*. A Rede Globo mantém ainda a *Globo News*, um canal a cabo que exhibe 24 horas diárias de notícias.

⁵ Para MELO (1988), a enchente de 1966 foi um marco da TV Globo na conquista pela liderança da audiência. Ele cita que a emissora colocou câmeras a filmar as ruas ininterruptamente, cobrindo, ao vivo, a destruição causada pelas chuvas e a desolação da população atingida. Ao mesmo tempo fez uma campanha de solidariedade às vítimas que mobilizou a cidade do Rio de Janeiro. As pessoas levavam donativos à sede da Globo e, dessa forma, a emissora teria ganhado a simpatia da população e alavancado a sua audiência.

O projeto MEMÓRIA GLOBO (2004) registra que o lançamento da Apolo 9 foi a primeira emissão ao vivo da Globo via satélite. Antes essa tecnologia havia sido inaugurada com a transmissão a partir de Roma de uma entrevista exclusiva com o Papa Paulo VI, feita pelo jornalista Hilton Gomes, no dia anterior ao que foi ao ar.

Foi justamente a tecnologia da transmissão à distância que possibilitou à Globo pensar um jornal que unisse os estados do Brasil numa transmissão em rede. Somou-se a isso a obsessão dos governos militares de mostrarem o Brasil como um país desenvolvido. Assim surge o Jornal Nacional.

O ex-diretor da Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho revelou⁶: “Os militares queriam mostrar que o Brasil era um país de primeiro mundo e montaram a Embratel⁷. Nós imaginamos que a primeira utilização óbvia dos enlaces de microondas seria o jornalismo”.

A primeira edição do Jornal Nacional já exibiu um forte noticiário internacional⁸, re-

⁶Apud MEMÓRIA GLOBO, 2003

⁷No site da Embratel – www.embratel.com.br, acessado no dia 13 de Junho de 2005, consta que a empresa foi criada em 1965. Na época ela era estatal e coordenava as telecomunicações brasileiras. No dia 28 de Fevereiro de 1969 a Embratel inaugurou a primeira estação de comunicação via satélite do Brasil e gradativamente foi montando uma rede nacional de telecomunicações, que hoje abrange todos os estados do país.

⁸A edição mostrou: “A morte do campeão mundial dos peso-pesados, Rocky Marciano e do comentarista norte-americano Drew Pearson, conhecido no Brasil pela coluna que assinava na revista *O Cruzeiro*. Na Líbia, um golpe militar derrubou o príncipe Hassan Al Rida. Imagens da agência Visnews mostravam a chegada ao Paquistão de uma caravana de chineses, montados em camelos, comemorando a reabertura da Rota da Seda, fechada desde 1959. No Japão, moças

velando uma vocação que segue até os dias de hoje. E a censura imposta pelo governo brasileiro fortaleceria ainda mais o peso das informações vindas de outros países, mesmo porque a censura restringia a margem de trabalho com as notícias do Brasil, deixando por vezes buracos na programação. “Os jornais investiam no noticiário internacional como forma de despistar a censura.”⁹

Assim, o Jornal Nacional, decide fortalecer o jornalismo internacional e investe na formação de correspondentes, que representariam a presença da emissora nos respectivos países onde a Globo decidiu instalar sua estrutura. Inicialmente a Globo enviava repórteres ao exterior esporadicamente, ou utilizava jornalistas brasileiros que já viviam fora do país, caso ocorresse algo importante. “A presença dos correspondentes nos locais onde se davam os fatos conferia mais veracidade à notícia que o mero uso do material das agências internacionais. Eles personalizavam as notícias, tinham a visão brasileira, sabiam o que era de interesse nacional”. (MEMÓRIA GLOBO 2004)

O Memória Globo relata ainda que as transmissões internacionais fizeram muito sucesso e a Globo decidiu instalar escritórios fora do Brasil. O primeiro foi em Nova Iorque, em 1973. Em 1974 foi montado um escritório em Londres e, em 1977 em Paris, Buenos Aires e em Colônia, na Alemanha.¹⁰ Em 1982 foi inaugurado o segundo

de mais de 50 países se preparavam para disputar o título de Miss Beleza Internacional. Pilotos de linhas aéreas ameaçavam greve geral se a ONU não tomasse medidas efetivas em relação ao sequestro de um avião norte-americano. (MEMÓRIA GLOBO, 2004:24,25)

⁹ALVES, Rosental Calmon – *Comunicação pessoal*. Braga, Portugal, 2005 (Entrevista exploratória)

¹⁰O escritório na Alemanha hoje está fechado. Isso

escritório nos Estados Unidos, em Washington. A Globo se instalou ainda em Roma e, a partir de 2004 decidiu manter correspondentes no Oriente Médio - em Jerusalém, e na China - em Pequim.

A Rede Globo se torna assim uma porta-voz da cultura brasileira no exterior e traz ao país a visão do Brasil sobre os fatos ocorridos no resto do mundo. A emissora seguia a lógica de uma transmissão sob o ponto de vista brasileiro mesmo que utilizasse algumas imagens ou algumas informações vindas das agências de notícias, como é prática até hoje.¹¹

O jornalista da Globo Maurício Kubrusly, em uma reportagem especial sobre a cultura do Brasil, resumiu a política adotada pela emissora. “A TV exporta a cultura brasileira. (...) O jornalismo acompanha e revela o Brasil e o mundo a partir do ponto de vista da cultura do país. Se não fosse assim nós receberíamos informações através das redes

ocorreu porque no início dos anos 80 a Globo, visando reduzir custos, concentrou em Londres sua produção jornalística na Europa, fechando os escritórios na Alemanha e na França, segundo o Memória Globo. Na época foi fechado também o escritório de Buenos Aires, que seria reaberto mais de 20 anos depois, como ocorreu com a praça em Paris, em um esquema de reestruturação da cobertura internacional, narrado por Eduardo Ribeiro.

¹¹ ALVES diz que a Globo edita suas reportagens internacionais mesclando imagens das agências com outras de produção própria, numa lógica construída pelo repórter e pelo seu editor. É uma forma de reduzir custos. Ele descreve que a emissora adotou o esquema da “mala de 15 mil dólares”. Em uma única mala é possível carregar todo o equipamento, que custaria 15 mil dólares, que permite a transmissão de imagens e voz de exterior para o Brasil. Antes era necessário um grande aparato de equipamentos e também um maior número de recursos humanos. A tecnologia nesse caso reduziu custos permitindo a expansão geográfica da cobertura da emissora.

estrangeiras, segundo o ponto de vista delas”¹².

Destacam-se, entre as coberturas feitas no exterior, o caso Watergate e a renúncia do presidente dos Estados Unidos Richard Nixon, a Guerra do Yom Kippur e a crise do petróleo, a Revolução Islâmica liderada pelo aiatolá Khomeini, a Revolução Sandinista na Nicarágua, a aproximação do presidente norte-americano Ronald Reagan e do presidente soviático Mikhail Gorbachev, uma entrevista exclusiva feita com o líder palestiano Yasser Arafat em 1979, a Guerra Irã-Iraque, uma entrevista exclusiva com Saddam Russain em 1981, a Guerra das Malvinas, a queda do Muro de Berlin, A Guerra do Golfo, o fim da União Soviética, a guerra civil na Iugoslávia, os atentados do 11 de Setembro em Nova Iorque, a Guerra no Afeganistão, a invasão do Iraque, os atentados de 11 de Março em Madrid. (MEMÓRIA GLOBO, 2004)

A morte do Papa João Paulo II, também de grande repercussão jornalística, levou à Itália o editor e apresentador do Jornal Nacional, Willian Bonner, que apresentou o telejornal ao vivo direto do Vaticano.¹³

Também merecem destaque as coberturas esportivas de eventos como Olimpíadas e Copa do Mundo de Futebol, quando a emissora desloca centenas de profissionais e rea-

¹² Extraído do DVD Jornal Nacional – 35 anos, lançado em 2004 pela gravadora Som Livre. O DVD mostra os bastidores do Jornal Nacional, possui entrevistas com profissionais envolvidos na elaboração do programa, e contém também 63 reportagens. A matéria de Maurício Kubrusly, aqui referida, foi apresentada dentro da série *Identidade Brasil*, que mostrava características da cultura regional brasileira.

¹³ A transmissão ocorreu durante toda a semana em que morreu o Papa João Paulo II.

liza transmissões a partir dos países onde ocorrem as competições.

5 A rede Globo hoje

Completando 40 anos a Rede Globo passa hoje por uma fase crítica devido a investimentos colocados em prática sobretudo na década de 90, que resultaram em apostas equivocadas. O grupo acumulou uma enorme dívida, agravada pela crise da economia brasileira de 2000 a 2002. “As contas globais começaram a despencar, iniciando pelas receitas líquidas, que caíram cerca de 12%. Em 2001, devido a perdas financeiras e a problemas no mercado publicitário o grupo teve um prejuízo de cerca de 550 milhões de dólares”. (BAHIA apud MATTOS, 2005)

Segundo MATTOS (2005), em 31 de Março de 2002, o balanço publicado mostrou que a dívida das Organizações Globo eram de 2,63 bilhões de dólares. 84% desse total em moeda estrangeira. Em 2003 três fundos de investimentos dos Estados Unidos entraram com uma ação judicial contra a Globo, na Corte de Falências do Distrito Sul de Nova Iorque. No final de 2004 a Globo chegou a um acordo com os credores e está reestruturando o débito.

Um dos responsáveis pela crise da Globo foi o setor de TV paga. DIAS (2005) diz que a Globo era inicialmente contra a instalação de canais fechados no Brasil, para evitar uma concorrência, no entanto, com o passar do tempo viu que era inevitável entrar no mercado, mesmo porque estava atenta à essa evolução tecnológica desde a década de 70. No início dos anos 90 a Globo operava um sistema via satélite de canais fechados, que tinha no Grupo Abril seu maior concorrente. Posteriormente entrou no mercado da

TV a cabo já ambicionando uma liderança, apostando no setor que, “crescia a uma média de 4% a 6% por mês em 1997” (DIAS, 2005).

Dias relata também que a Globo investiu e realmente conseguiu crescer mais que os concorrentes, mas a velocidade com que promoveu essas inovações impossibilitaram que as contas fossem saldadas. Além disso a desvalorização da moeda brasileira levou a uma alta do dólar, que triplicou as dívidas da Rede. Por outro lado a crise estagnou o crescimento do mercado de TV paga. Uma das saídas foi pressionar o Congresso Nacional para autorizar a entrada de capital estrangeiro nos *media* brasileiros. A Emenda Constitucional 222 foi aprovada e permite que as empresas de comunicação tenham até 30% de capital externo. Um caminho que promete redesenhar o mapa empresarial das comunicações no Brasil, abrindo uma porta que ainda não se sabe que consequências irá gerar.

A Globo, mesmo atravessando um período onde precisa reequilibrar as contas, continua a constituir um gigantesco império das comunicações de caráter global. Informações contidas no site da Rede Globo¹⁴, revelam o que é o Grupo e o poder que ele detém. De acordo com os dados disponibilizadas, a TV Globo chega a 98,84% dos 5 mil e 43 municípios brasileiros. Chega também a cerca de 130 países em todos os continentes. Possui 8 mil e 700 funcionários, sendo que 4 mil estão ligados diretamente na criação de programas. Em 2002, 7 mil 824 funcionários fizeram curso de aperfeiçoamento profissio-

¹⁴ www.redeglobo.globo.com acessado em 08 de Junho de 2005

nal, o que totalizou aproximadamente 122 mil horas/aula

Em horário nobre, 88% da programação exibida na Globo é de produção própria. A Rede conta com equipamentos portáteis que permitem transmissões ao vivo e, na sede da emissora na cidade de São Paulo, há uma Central de Transmissão e Recepção de Sinais que permite que até 44 sinais sejam exibidos em tempo real ou gravados simultaneamente de qualquer parte do mundo. Além disso, as centrais da TV Globo do Rio de Janeiro e São Paulo estão interligadas por meio de fibras óticas.

Em 1995 foi inaugurada no Rio de Janeiro a CGP – Central Globo de Produção. Com 156 mil metros quadrados de área construída, possui três cidades cenográficas, dez estúdios, uma fábrica de cenários - que produz, mensalmente, uma média de 3 mil 186 metros quadrados de cenários e mil e 100 metros quadrados de cidades cenográficas -, e uma fábrica de roupas que produz mil 750 peças por mês.

Desde sua criação até o mês de outubro de 2003, a TV Globo havia produzido 227 telenovelas e minisséries, somando 35 mil capítulos gravados.

No jornalismo a Globo possui 600 equipes de reportagem, produzindo 6 horas de noticiários todos os dias que são exibidos em canal aberto.

Na área do jornalismo internacional e emissora criou, em 1998, uma agência de notícias, que fornece imagens e reportagens produzidas pela Central Globo de Jornalismo, para todo mundo.

Em 1997 foi montada a Globo Filmes, que já realizou mais de 23 produções e lidera o mercado cinematográfico de filmes nacionais no Brasil.

A Globo colocou em operação, em 1999, o canal Globo Internacional que, via satélite, envia o sinal da emissora para 200 mil assinantes espalhados pelo mundo.

Em 2000 criou a Globo Marcas, que gere a licença de comercialização de produtos e serviços ligados à programação da TV, operando também, desde 2003, no mercado internacional.

Além disso, desde 1971, a Globo mantém a Som Livre, uma gravadora que desenvolve e comercializa as trilhas sonoras das produções da emissora e também DVDs. A gravadora ajudou a divulgar a música popular brasileira pelo mundo.

A Rede possui ainda uma empresa de empreendimentos temáticos, que mantém parques infantis e comercializa eventos para shoppings, empresas, escolas, sempre divulgando os personagens que têm a imagem veiculada na emissora.

Há ainda o portal Globo.com, que administra mais de 400 sites. Em muitos deles é possível acessar à programação da Rede.

A Globo possui também um projeto voltado para as universidades, o que facilita o acesso de pesquisadores e estudantes. O projeto atendeu, em 2003, 447 pesquisadores em trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, e recebeu 3 mil e 700 estudantes e professores em visitas técnicas.

A Globo participa, em parceria com outras 13 empresas, do Canal Futura, que transmite uma programação voltada para a educação, que é também distribuída para escolas e entidades sociais.

O império Globo é composto ainda pela área do jornalismo impresso, mantendo vários jornais no Brasil, entre eles o Jornal O Globo, fundado em 1925, precursor de todo o grupo mediático.

Chega ao setor editorial com a Editora Globo, que engloba o mercado de livros e revistas. A Globo também está no segmento radiofônico, com a Central Globo de Rádio, que possui várias emissoras, entre elas a Rádio CBN – Central Brasileira de Notícias, que opera no sistema *all news*, transmitindo uma programação de 24 horas de notícias.

6 Conclusão

Padrão de qualidade, estratégia comercial, investimento em tecnologia e influência no meio político. Esses quatro pontos foram os principais responsáveis pela ascensão da TV Globo no mercado internacional. Isso permitiu à emissora inverter os fluxos de comunicação num período durante o qual a lógica era de emissão de informação e conteúdos do hemisfério norte para o sul.

Tanto o padrão comercial quanto o padrão de produção foram adquiridos a partir da fundação da TV Globo, graças ao acordo feito com o grupo *Time-Life*, que transferiu para a emissora brasileira a fórmula norte-americana de fazer e vender televisão. O resultado foi o sucesso das telenovelas da Globo e a consequente divulgação do Brasil em diversos outros países.

O estudo focou a linha de pesquisa no fato de que programas produzidos pela emissora brasileira, feitos originalmente na língua portuguesa, foram exportados em um período em que as produções dos Estados Unidos dominavam o mercado mundial.

A tecnologia deu o seu grande contributo quando permitiu a criação de uma rede de comunicação ligando o Brasil ao mundo e também os vários estados brasileiros, levando a TV Globo a regionalizar suas produções, rompendo com um padrão caricato

de dramalhão para outro retratado nas características pitorescas do país.

Criou-se, assim, um produto inteiramente diferenciado, mas com raiz em uma narrativa consagrada em todo mundo e, portanto, de entendimento universal.

Por outro lado, a tecnologia permitiu ainda que a Globo estruturasse escritórios de jornalismo em vários países, fazendo com que as notícias provenientes do estrangeiro chegassem ao Brasil com a ótica brasileira, construída por profissionais brasileiros.

A isso soma-se ainda a força política sempre exercida pela emissora, desde seu surgimento durante o período da ditadura militar no Brasil. A empresa foi o instrumento dos militares, que a utilizaram para pregar o seu marketing – uma propaganda que passava pela impressão de um país desenvolvido, integrado e moderno, e que utilizava a força da censura para impor essa visão.

A emissora expandia seu poder de penetração para além das fronteiras do Brasil, satisfazendo os militares no desejo da ideia de um país forte, e ao mesmo tempo conseguia assim dar um olhar próprio aos acontecimentos, ampliando o campo de notícias para o estrangeiro, já que a censura tornava restrito o campo de ação dentro do território brasileiro.

Portanto, aliando um boa política de negociação, um produto bem acabado, a utilização dos meios tecnológicos disponíveis e a influência política, fez-se uma empresa poderosa, grande e quase hegemônica em termos de audiência. Um poder que já dura quatro décadas, que se viu ameaçado perante percalços econômicos, mas que continua influente e ativo.

7 Bibliografia

- BARBOSA, Marialva; Ribeiro, Ana Paula Goulart – Telejornalismo na Globo: Vestígios, Narrativa e Temporalidade. *Rede Globo: 40 Anos de Poder e Hegemonia*. São Paulo: Paulus. (2005) p. 205-221
- BORELLI, Sílvia H. Simões – Telenovelas: Padrão de Produção e Matrizes Populares. *Rede Globo: 40 Anos de Poder e Hegemonia*. São Paulo: Paulus. (2005) p. 187-200
- BRASIL. Memória Globo – *Jornal Nacional: A Notícia Faz História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004
- BRETON, Philippe; PROULX, Serge – *A Explosão da Comunicação*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1997
- BRITTOS, Valério Cruz – Globo, Transnacionalização e Capitalismo. *Rede Globo: 40 Anos de Poder e Hegemonia*. São Paulo: Paulus. (2005) p. 131-151
- DIAS, Márcia Tostas – Rede Globo e Indústria Fonográfica: Um Negócio de Sucesso. *Rede Globo: 40 Anos de Poder e Hegemonia*. São Paulo: Paulus. (2005) p. 307-322
- DUARTE, Luiz Guilherme – Pecado Capital: A Novela dos Marinheiros com a TV Paga. *Rede Globo: 40 Anos de Poder e Hegemonia*. São Paulo: Paulus. (2005) p. 325-338
- FERIN, Isabel – *Comunicação e Culturas do Quotidiano*. [S.l.]: Quimera, 2002
- FREIRE, Paulo – *Pedagogia dos Oprimidos*. 2ª ed. Porto. Afrontamento, 1975
- GALTUNG, Johan – Uma Teoria Estrutural do Imperialismo. *Leituras do Imperialismo Hoje*. Lisboa: Instituto Superior de Economia. (1977) p. 17-87.
- JEANNENEY, Jean-Noel – *Uma História da Comunicação Social*. 2ª ed. Lisboa: Terramar, 2003
- MATTELART, Armand; *A Comunicação Mundo: Histórias das Ideias e das Estratégias*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle – *História das Teorias da Comunicação*. 2ª ed. Porto: Campo das Letras, 2002
- McBRIDE, Sean; [e tal.] – *Voix Multiples Un Seul Monde: Communication et Société Aujourd'hui et Demain*. Paris: Les Nouvelles Editions Africaines, 1980
- MELO, José Marques de; *As Telenovelas da Globo: Produção e Exportação*. São Paulo: Summus Editorial, 1988
- MORAES, Fernando - *Chatô: O Rei do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994
- REBOUÇAS, Edgard – América Latina: Um Território Pouco Explorado e Ameaçador para a TV Globo. *Rede Globo: 40 Anos de Poder e Hegemonia*. São Paulo: Paulus. (2005) p. 157-169
- RIBEIRO, Eduardo – Mudanças na Globo. www.observatoriodaimprensa.com.br - acessado em 16/05/2005

- SCHILLER, H. – *El Poder Informático: Impérios Tecnológicos y Relaciones de Dependência*. Barcelona: Ediciones G. Gili, 1983
- SIMIS, Anita – *A Globo Entra no Cinema. Rede Globo: 40 Anos de Poder e Hegemonia*. São Paulo: Paulus. (2005) p 341-353
- SODRÉ, Nelson Werneck – *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999
- SOUSA, Helena - *Time-Life/Globo/SIC: Um Caso de Reexportação do Modelo Americano de Televisão?* - www.bocc.ubi.pt - acessado em 01/2005
- TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa – *Notícias e Serviços: Um Estudo Sobre o Conteúdo dos Telejornais da Rede Globo*. Salvador: Intercom, 2002
- TOMLINSON, John – *Cultural Imperialism*. London: Pinter Publishers Limited, 1991